

A agricultura volta a receber investimentos

por Wanda Jorge
de São Paulo

Um retorno ao campo parece ser o trajeto que seguirão os investimentos dos produtores, que, até antes do "pacote" econômico do governo, eram mais facilmente desviados para o rentável mercado financeiro. Além de uma nova postura empresarial em suas atividades, o agricultor brasileiro tentará aprimorar sua produtividade, buscando maior eficiência de equipamentos, tecnologia de máquinas e pesquisa, além de melhor utilização de sementes, fertilizantes e defensivos.

O otimismo no meio rural nasceu a partir da extinção da correção monetária e da fixação de juros de 3% ao ano que, embora devam ser aumentados para algo em torno de 8 a 10% (de acordo com expectativa do próprio setor), continuam ainda absorvíveis para a atividade, afirma Roberto Rodrigues, presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Mas os produtores não se expressam exatamente de maneira eufórica, uma vez que terão nesta safra preços mínimos de garantia congelados no patamar de março.

AS DISTORÇÕES COM O ARROZ

Os produtores de arroz do Rio Grande do Sul, principalmente, foram os primeiros a sentir o congelamento de seu produto, irrigado e mais caro, que ficou nivelado no varejo, a exemplo de outros de menor qualidade. Para Antonio Favano Neto, presidente da Bolsa de Cereais de São Paulo, essas distorções ocorreram com mais frequência no primeiro momento do tabelamento, mas hoje as diferenciações por qualidade já permitem uma flexibilidade maior na comercialização.

Já o produtor de feijão, segundo Favano, teve a sorte de o governo congelar seu produto no atacado em CZ\$ 440,00 a saca, preço vigente no final de fevereiro, o que era sensivelmente superior ao preço mínimo, congelado em CZ\$ 292,40. Com isso, a safra que entra

agora, de boa qualidade e produção, tem uma margem maior de negociação, permitindo ao agricultor ganhar mais do que o mínimo e ao atacadista melhorar suas condições, de forma a possibilitar até uma queda no varejo, hoje fixado em CZ\$ 9,60 o quilo do feijão cariquinho.

AS SAFRAS DA NOVA FRONTEIRA

Com alguns produtos como o milho e as safras das novas fronteiras, porém, o governo deverá ser o grande comprador através das operações de Aquisição do Governo Federal (AGF). As indústrias e o comércio em geral dificilmente entrarão comprando a safra, arcando com custos de armazenagem, uma vez que têm a garantia de fornecimento através dos estoques do governo. Estas compras acontecerão apenas quando a produção estiver mais próxima aos centros consumidores.

Para os fornecedores de insumos em geral, as perspectivas mostram-se bastante promissoras. Hoje já existe fila para comprar tratores e, segundo Sérgio Assis, da Associação Nacional de Defensivos Agrícolas (Andef), a retomada do plantio e o estímulo à produtividade trarão reflexos bastante benéficos às indústrias do setor. Depois de sofrerem expressiva queda de vendas a partir de 1980, com a retirada gradual do subsídio ao crédito rural, as indústrias de defensivos acreditam que a situação possa melhorar agora, pois inverteu-se a situação anterior em que o preço de seu produto, na maioria dos casos, crescia acima do valor do produto agrícola. Mas problemas ainda existem, lembra Sérgio Assis, referindo-se ao congelamento de alguns produtos que foram tabelados no varejo a preços iguais ao que custam atualmente às indústrias.